

**BANDIDO OU HERÓI:  
desconstruindo conceitos através de um júri simulado**

<sup>1</sup>Jaqueline Kotlinski-Unicentro

<sup>2</sup>Amanda Lamara Demétrio-Unicentro

<sup>3</sup>Gabriel Gomes da Cruz-Unicentro

Resumo

Os problemas enfrentados pelo ensino de História geram um grande debate na academia sobre as mais variadas formas de ensino. Este trabalho buscou mostrar como uma metodologia de aula mais dinâmica desperta interesse do aluno comparada a uma aula expositiva tradicional. Dessa forma, o PIBID atuou na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, município de Irati-PR, desenvolvendo uma atividade sobre o cangaço no nordeste brasileiro na década de 1930. Em forma de júri simulado a atividade ocorreu em espaços além da sala de aula, promovendo a interação social entre alunos, professores e funcionários. A avaliação foi realizada viabilizando a coletividade, os alunos puderem aprender a importância do trabalho em equipe. Proporcionamos também uma reflexão crítica na perspectiva da historiografia em cima de alguns conceitos, tais como: democracia, heroicização, relações de poder, gênero, banditismo e resistência.

Introdução

O seguinte trabalho procura analisar como a educação dentro do ensino de história muitas vezes perpassa o molde de aula tradicional expositiva, ampliando seu campo de construção de conhecimento, buscando melhorias na educação. A educação não é um processo fácil, formar não é tão simples, mas como professores e professoras precisamos ter a consciência que não há uma única forma de educação e sim que todas as relações, vivências externas a sala de aula contribuem para o ensino. Sendo assim utilizamos da afirmação de Freire(1967,p.39)

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os  
homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Além da sala de aula, ambientes da própria escola podem ser utilizados como lugares de ensino. No decorrer do seguinte resumo expandido descreveremos como foi a aplicação de um júri simulado que teve como tema o cangaço do nordeste brasileiro na década de 1930.

O júri teve momentos em sala de aula, mas passou por um processo que percorreu outros espaços da escola. Temos como objetivo na exposição desse trabalho mostrar a contribuição de uma metodologia de aulas mais dinâmicas que ajudam na produção de reflexões contemporâneas através de assuntos do passado que levantam várias problemáticas, como relações de poder, manipulação midiática, e ainda a possibilidade de problematização de questões sobre heroísmo ou banditismo, atribuindo juízo de valor em ambos.

Com a atividade também será possível refletir sobre a organização do professor, a didática e o ensino de história através do trabalho com os conceitos da história além de proporcionar maior noção de desafios e dificuldades dentro do ambiente escolar.

## DESENVOLVIMENTO

O trabalho se constituiu no método coletivo, os grupos se subdividiram e realizaram as tarefas solicitadas por parte dos pibidianos, as tarefas se constituíram na elaboração de alguns personagens fictícios como lampião, Maria bonita, cangaceiros, advogados, jornalistas e público. Devido ao fato da atividade ter como avaliação o desempenho do grupo uma semana antes do júri, os alunos já deviam realizar a preparação dos materiais de propaganda e "mídia" de divulgação nos corredores da escola e também nas redes sociais.

O material utilizado por parte dos grupos dependeu do limite de sua criatividade, foram elaborados fantasias, simulações de cena, cartazes e textos de provocação em relação ao grupo oposto. Por parte dos pibidianos foi de responsabilidade inicial a aplicação de uma aula teórica para os alunos compreenderem o assunto após ficamos responsáveis pela organização do salão para o júri, como mesas, cadeiras, palco, microfone e blocos para anotação

O método de avaliação final se deu a partir do desempenho coletivo de todas as esferas, não apenas na capacidade argumentativa mas também na empolgação do público, nos figurinos, organização e respeito com o grupo adversário. Tratando-se dessa metodologia, o mais importante durante o desenvolvimento da atividade foi fazer

com que os alunos aprendessem e dominassem o conteúdo através da própria ação com o objeto de estudo. No decorrer das tarefas foi necessário leituras e discussão, além disso o fato de ter o caráter de competição os alunos acabavam observando o grupo adversário e comparando erros e acertos.

Além do método coletivo, a avaliação individual também entrou no critério dos juízes, quando avaliamos o desempenho individual colocamos em pauta a capacidade do pensar coletivo, de liderança, e especialmente de responsabilidade com o trabalho. Além disso a capacidade argumentativa dos advogados, a criatividade dos figurinos e a noção de contexto por parte dos jornalistas.

O fato da atividade ter sido em um ambiente fora da sala, nos mostra como a educação existe de diversas formas como autora Maria da Gloria Gohan (2014) nos explica. A atividade demonstrou um método diferente das aulas comuns, consideramos ser de grande importância a circulação dos alunos em todos os ambientes da escola, ajudando no reconhecimento como sujeitos e posteriormente em uma capacitação como agentes de seus meios. Por fim, a escolha da equipe vencedora foi um resumo de toda essa metodologia e perspectiva, nos desprendemos de opiniões particulares a respeito do tema e nos reservamos em escolher realmente aquele que melhor se encaixou no que foi pedido, obtendo grande sucesso na efetivação da atividade.

Podemos concluir então que o júri simulado, tem grande valor dentro da prática do ensino de história, pois pode-se trabalhar conceitos e desconstruí-los de maneira lúdica, uma forma em que os alunos admiram a história, mostrando que ela não precisa ficar fechada dentro de quatro paredes necessariamente, que a história pode fazer uma interação entre os membros da discência e docência dentro do espaço escolar.

Os alunos puderam desenvolver suas mais diversas capacidades, e principalmente puderam perceber que em toda história há dois lados, duas interpretações, trabalhando assim o seu senso crítico, atento para as transformações da história, foi possível mostrar ao aluno que não existe uma verdade absoluta, e que a Nova História trabalha com representações, defendendo a existência de várias verdades sobre o mesmo tema em discussão, e partir do jogo se mostra de forma mais clara.

## Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 17°.ed, 1987.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos.** Investigar em educação, n.1, 2014, p.35-50. Disponível em: [https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn\\_2014.pdf](https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf)